

Apresentação

As (in) visíveis violências contra a pessoa idosa



Maria Elisa Gonzalez Manso

Violência contra idosos, de todas as “violências de sempre”, é a temática menos investigada no mundo e com menos políticas de intervenção, quando comparados a outros segmentos populacionais. Algumas violências sequer são reconhecidas, pela sociedade, como podendo vitimar a pessoa idosa ou sequer são reconhecidas como tal.

Apesar do marco legislativo avançado protetivo ao idoso brasileiro e das inúmeras conferências e mobilizações das pessoas idosas, ainda a sociedade sequer reconhece como violências algumas formas de abusos.

Assim, a violência institucional, aquela cometida por quem deveria, em tese, cuidar da pessoa idosa, é uma das menos visíveis e das mais naturalizadas. Entretanto, dentro da violência institucional, uma é praticamente despercebida como tal pela sociedade, apesar de poder comprometer sobremaneira a saúde das pessoas idosas: a iatrogenia causada por um profissional de saúde habilitado.

Iatrogenia pode ser definida como sendo qualquer dano, direto ou indireto, consequente a ações ou omissões de médicos e/ou outros profissionais da saúde, em qualquer tipo de prática diagnóstica ou terapêutica. Todo médico é, em graus variáveis, iatrogênico, de modo que ele deve sempre considerar esse aspecto quando trata uma pessoa (TAVARES, 2007; TESSER, 2017).

A iatrogenia é considerada um dos grandes problemas gerontológicos e geriátricos, responsável por vários agravos à saúde dos idosos, podendo estar associada a quedas, déficits cognitivos, depressão, desnutrição, infecções resistentes, imobilidade, déficits de audição e visão, tonturas, morte prematura, dentre outros, daí sua importância.

Neste sentido, o artigo *Sobrediagnóstico do câncer de mama: risco ou benefícios para idosas?* aborda o quanto um exame considerado simples como a mamografia, pode causar controvérsias em sua realização. Nenhum exame é isento de causar danos, por mais simples que possa parecer, e deve sempre ser recomendado dentro de critérios científicos exatos, mas, esta exatidão nem sempre é alcançável.

Na sociedade atual, a saúde se transformou em mercadoria. Há uma tendência a transformar em doenças fatos comuns da vida, um processo denominado medicalização, que propicia e reforça a associação entre resolução de problemas pessoais com a utilização de tratamentos que os solucionariam magicamente. As pessoas idosas que procuram os médicos e serviços de saúde, muitas vezes, impulsionam a medicalização, alheios aos prejuízos a que estão expostos.

Crenças relacionadas ao papel do médico, do que seja a doença, a não aceitação da presença de nenhum sintoma, a aversão aos riscos, o medo de envelhecer e adoecer, a obsessão pelo corpo perfeito, a mídia, dentre outros, tem gerado o que se denomina demanda “da cura”, onde a saúde passa a ser vista como um bem de consumo. Esta situação favorece mais ainda a medicalização, além de incentivar a profusão de exames diagnósticos e terapias, desnecessários e até prejudiciais.

Autores salientam que a própria sociedade, em sua procura por soluções rápidas e em sua obsessão pela saúde perfeita, acaba incentivando comportamentos danosos e iatrogênicos por parte dos profissionais de saúde (TESSER, 2017). A medicalização leva ao que Illich (1975) denominou de “iatrogenia cultural”, produzindo um efeito que leva as pessoas a não conseguirem enfrentar as situações de doença, dor, sofrimento e morte de maneira autônoma.

Já o artigo *Violência contra a pessoa idosa - contribuições sobre o tema* trata de outras violências, especialmente da violência intrafamiliar, que é cometida contra os idosos. O artigo traz alguns dados sobre diversas cidades brasileiras, nas quais se enfatizam os fatores de risco de vítimas e agressores. O enfoque principal, porém, é a violência simbólica, já que a literatura cita que o avanço dos abusos que são cometidos contra pessoas desta faixa etária tem como pano de fundo o desprezo cultural contra os idosos e o idadismo ou ageísmo ou o preconceito etário.

Ainda no tema violência simbólica e preconceito, o artigo *A (in) visibilidade do envelhecimento LGBT* mostra quão pouco é estudado e como ainda, em uma sociedade marcada pela violência de gênero, o envelhecer tendo orientação ou identidade diversa da construída hegemonicamente impõem desafios.

Nestes três artigos se destaca a importância da formação do profissional de saúde para melhor atenção à pessoa idosa. As escolas e universidades ainda discutem e conhecem pouco sobre o processo de envelhecimento, sobre ser a velhice apenas mais uma das inúmeras fases da vida e que envelhecer não é sinônimo de adoecer, o que perpetua o idadismo.

Assim, o artigo *Vivenciando a atenção à saúde dos idosos em um Núcleo de Convivência* narra a experiência de um grupo de alunos de dois cursos de medicina situados na cidade de São Paulo ao participarem de atividades realizadas em um Núcleo de Convivência situado na cidade de São Paulo. Deve-se ressaltar que as alunas que participam como autoras dos artigos que compõem este dossiê também estiveram envolvidas com algumas das atividades realizadas com este grupo de pessoas idosas.

Por último, deve-se destacar que o papel da sociedade passa pelo (re) conhecimento destas violências gestadas no seu próprio meio, e pelo lembrar que a violência, seja contra quem for não é uma condição irreversível nem um instinto e que as condições sociais e políticas podem alterá-la, tanto para menos quanto para mais.

Referências

ILLICH, I. *A Expropriação da Saúde: Nêmesis da Medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

TAVARES, F.M. Reflexões acerca da latrogenia e Educação Médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.31, n.2, p. 180 – 185, 2007.

TESSER, C.D. Por que é importante a prevenção quaternária na prevenção? *Revista de Saúde Pública*, v.51, p.116, 2017.

Data de recebimento: 13/02/2020; Data de aceite: 05/03/2020

Maria Elisa Gonzalez Manso - Doutora em Ciências Sociais, Mestrado e pós-doutorado em Gerontologia Social pela PUC SP. Master em Psicogerontologia Universidade Maimônides Buenos Aires. Médica. Professora titular do Centro Universitário São Camilo SP e professora convidada do COGEAE PUC SP e do Espaço Longevidade. E- mail mansomeg@hotmail.com